

"O Belo Sol da Unidade"

por Mário Soares

A frase foi dita pelo grande Jean Jaurès fundador, com Jules Guesde, da SFIO (Secção Francesa da Internacional Operária), que resultou, em Abril de 1905 - precisamente há um século! - da fusão do Partido Socialista de França (Jules Guesde), com o Partido Operário Socialista Revolucionário e algumas federações autónomas, sob a égide da Internacional, tendo ocorrido na sala Globo, em Paris.

Todos os que leram o extraordinário romance de Roger Martin du Gard "Les Thibault" - antes, de leitura obrigatória para os progressistas de todo o mundo - conhecem bem a importância que teve Jean Jaurès na França e na Europa, como teórico do socialismo e pacifista, assassinado num café de Paris, nas vésperas da 1ª. Grande Guerra (1914).

O Partido Socialista francês, recorde-se, está a comemorar este ano o seu Centenário, e está intimamente ligado à história contemporânea de França. Teve, depois de Jaurès, grandes líderes de que destacarei: Léon Blum, que definiu as grandes orientações do socialismo democrático (1920), encarnou as grandes conquistas da Frente Popular (1936-1938) e sobreviveu aos anos de cativeiro duríssimo, na Alemanha de Hitler; Guy Mollet, que teve um comportamento muito controverso, é o menos que se pode dizer, durante os tempos da descolonização (guerra da Argélia) e da guerra fria (operação do Suez, etc.); Pierre Mendès France, grande personalidade moral e política que veio do radical socialismo e foi e é uma referência ética do socialismo francês; François Mitterrand, que a partir do Congresso de Épinay, em Junho de 1971 (a que, no exílio, tive oportunidade de assistir), foi a expressão do socialismo francês de "le poing et la rose", que influenciou todos os partidos socialistas e social-democratas europeus, e foi Presidente da República de 1981 a 1995, catorze longos anos; Lionel Jospin (1995), o socialista rigoroso da "maioria plural"; e, agora, François Hollande.

Foi também, não o esqueçamos, um partido da resistência à ocupação nazi e ao "colaboracionismo" de Pétain, com Daniel Mayer (que ainda conheci bem) anti-fascista sem deixar de ser também contra a chamada "ditadura do proletariado" e crítico consequente do totalitarismo soviético. Partido Socialista que foi, muito antes, no Congresso de Tours, de Dezembro de 1920, que consumou a ruptura entre socialistas (Léon Blum) e comunistas (Marcel Cachin) aderentes à III Internacional (soviética) e às suas 21 rígidas condições.

A história dos cem anos do Partido Socialista francês, contada com objectividade num belo livro, com profusas ilustrações, que acaba de ser publicado, "Des poings et des roses, o século dos socialistas" (Éditions de La Martinière), está repleta dos grandes debates e das reviravoltas, que marcaram o século passado - e que hoje, depois da implosão do comunismo, deixaram de ser actuais, dadas também as novas e por enquanto sombrias perspectivas do século XXI - uma história de cisões e de reencontros, impostas pelas viragens e rupturas que o tempo foi condicionando.

O Partido Socialista francês está hoje dividido quase ao meio - e a liderança de François Hollande posta em causa - entre os que votaram sim e os que votaram não (Fabius, Emmanuelli) ao Tratado Constitucional. Mas muito mais importantes do que isso - um equívoco grave e significativo - impõem-se-nos as grandes fracturas civilizacionais deste nosso conturbado tempo: a pobreza inaceitável, de dois terços da humanidade; as gritantes desigualdades sociais, sobretudo nos países ditos desenvolvidos; os atentados intoleráveis aos equilíbrios ecológicos do Planeta; o desrespeito mais descarado pelos Direitos do Homem (Guantánamo); doenças erradicadas pela Ciência que ressurgem em vastas regiões, como a malária, a tuberculose ou mesmo a lepra, etc.; a falta de água potável; a crescente criminalidade internacional organizada; os tráficos ilícitos de armas, de drogas, de órgãos humanos, de prostituição; o egoísmo desenfreado que conduz ao consumismo sem regras, ao hedonismo e à ostentação, gerados pela indiferença perante os outros e pelo esquecimento dos deveres mais elementares de solidariedade.

Neste quadro tão desolador, que lembra os tempos de decadência e depravação do velho império romano, ergue-se a revolta das consciências bem formadas, dos que têm a coragem de dizer não à corrida para o abismo. E é aí que as palavras de Jean Jaurès fazem sentido: é preciso que desperte "o belo sol da unidade", entre os se afirmam de Esquerda, que dizem não ao egoísmo

e à opressão, quaisquer que sejam as ideologias de que se reclamem, ao nível da cidadania global contra a "globalização da pobreza". O mega-concerto pop, a que assistimos no último fim de semana, em dez capitais do mundo desenvolvido - entre as quais, Londres, Tóquio, Paris, Filadélfia, Roma, Moscovo, Berlim, mas também Joanesburgo - por iniciativa de Bob Geldof e de Bono Vox, "por África e contra a pobreza" a fazer pressão sobre o G 8, com Kofi Annan, perante uma vastíssima audiência multi-racial a reafirmar a legitimidade democrática única da ONU, é um sintoma inequívoco da cidadania global que irrompe com renovada força. Ainda que humanitarismo - atenção - não se confunda com justiça social, mas seja tão só, apesar disso, uma via de sensibilização que corre no mesmo sentido...

Lisboa, 5 de Julho de 2005